

José Vultos Sequeira

entre o sonho e a utopia

Quando o poeta José Vultos Sequeira, natural de Mora (Alentejo) e andarilho de muitos anos por Lisboa, publicou *Praça do Sol* (1991), com ilustrações de Figueiredo Sobral, creio ter sido dos poucos de lhe deram atenção e o saudei em termos entusiásticos, ficando à espera de um novo livro que confirmasse as mesmas qualidades poéticas. Passados mais de dez anos surge este **Homem da Fábrica**, com chancela da 'Utopia', para de algum modo reafirmar a sua condição de poeta-operário que, na lúcida consciência de assim viver, quer consolidar uma 'poética' de combate e de intervenção, sem esconder nunca os sonhos e as utopias que se erguem como presença comovida de tantas emoções e sentimentos:

os motores fazem tremer o ar e ecoam aos meus ouvidos
como o ribombar dum trovão
o frio atravessa o telhado e as paredes
o calor do maçarico aquece-nos as mãos
o fumo do ácido muriático
penetra-nos na garganta
e as horas passam pesadas como chumbo
ou como o ferro quente
quando com a tenaz e o martelo
resiste à nossa força.

Dividido em sete partes ('O Corpo da Oficina?', 'Rosto Operário?', 'Ninguém Dirá o Teu Nome?', 'O Suor do Teu Rosto?', 'No Prumo das Casas?', 'Oficinas Gerais?' e 'O Operário Continuado?'), este novo livro de Vultos Sequeira reflecte a melancolia de uma condição simples e humilde, disposta a tudo pelo trabalho e nos sinais de dor e sofrimento, mas sempre em solidariedade com os outros e no sonho de que o mundo se emende e traga melhores dias a quem vive entre o sonho de uma vida difícil e a utopia de tudo se poder alterar:

aqui estou quase como quem está em lugar nenhum
céu cinzento sobre telhados vermelhos
olhos da terra apagados
uma melancolia de nevoeiro está dentro do meu coração
é um suspiro a terra
o ferro e o suor misturam-se no meu rosto.

Não porque o poeta de **Homem da Fábrica** queira testemunhar apenas o mundo em que vive ou viveu, na evocação de quem está mais perto de si, mas na forma de captar o sentido menos conhecido dos ofícios e lugares o que se exprime é ainda e sempre essa melancolia presente nas mãos gretadas que 'afagam o ferro / e sonham a música dum boca sem fome?' e na sentida utopia de que 'há-de haver um dia / em que os olhos feridos / hão-de ganhar asas / e ser azuis?'. E não deixa de ser importante salientar que, no acto de transfigurar as suas renovadas experiências, a poesia de Vultos Sequeira atinge uma intensidade poética que, na imagística objectiva que utiliza e na insistência dos vocábulos de que se serve ('ferro?', 'tenaz', 'maçarico?', 'martelo?', 'chave de fendas?' e outros), se revela afinal como ponto de confluência entre o modo de viver, sentir, reflectir e se comover na esperança de haver ou chegar um outro tempo:

mas há-de haver um tempo
um tempo feito com as nossas mãos
em que um horizonte sem limites
penetrará pelas janelas adentro
dará uma nova cor aos nossos olhos
fará nossos gestos mais lentos
mais cheios de música.

De facto, José Vultos Sequeira revela-se como um poeta que sabe fazer as contas da sua vida, nos caminhos de outros rios e lugares, ofícios e ocupações, mas a irregularidade de publicação tem impedido que ocupe posição mais destacada na poesia portuguesa. E, nos diferentes paraísos redescobertos e nada artificiais, o poeta confirma em **Homem da Fábrica** ser esse o seu caminho para se redimir de alguma forma de desassossego e de espanto ou de interpelar o mundo e melhor se fazer entender, no modo de ser visível 'o que no invisível se vê?', como dizia

Pessoa.

Ou ainda em memória do Poeta de *Mensagem* alcançar o propósito de ser bem legítimo compreender, talvez com alguma ironia, a desordem posta na ordem e avançar por entre o sonho e a utopia, ou assim explicar como essa viagem sentimental se desdobra por entre lembranças e na evocação de quem se perdeu numa Lisboa que é evocada em dois dos melhores poemas deste livro: ?tudo tão feito de nada / e o cimento e as pedras / e as tuas mãos / de sangue e pó amassadas / bebe uma cerveja - dizem-te / e por um momento respiras / olhas a festa do sol / enquanto os relógios rodam / e Lisboa junto ao rio / te acena maternal e debruçada para longe?. E, ainda na memória sentida de Lorca ?a las cinco de la tarde?, falar do modo como em Lisboa se vive ou se morre: ?Lisboa / apressada às cinco horas da tarde / às cinco horas da tarde cansadas / às cinco horas da tarde / quando o dia começa a declinar / Lisboa às cinco da tarde / deixa-me inclinar a cabeça nas tuas colinas?.

Portanto, é pelos fios da memória que, com toda a lucidez, José Vultos Sequeira procede ao registo de um ? discurso? poético em que tudo perpassa pelas várias partes deste livro em que as imagens se sobrepõem como se um indefinido círculo poético se pudesse desenhar pelo que ficou guardado, exprime em imagens de nítida fidelidade e rigor e com a amarga consciência das pedras que ficaram espalhadas pelos caminhos. E esse sentido de redescoberta impõe-se na razão de descobrir em todas as paragens os sinais de andarilho de outras peregrinações ou proclamar ainda os mesmos afectos e uma diferente memória das coisas em que se determina uma pessoal poética que se afirma expressiva e rigorosa num livro que, no fim de contas, é corolário de uma experiência enriquecedora no plano humano e literário, como se observa num dos últimos poemas:

a oficina é o mapa onde aprendeste a ler
o rosto do mundo
estradas foram dar a ela e estradas dela partiram
se quiseres saber vais a esse livro
esse livro de suor vontade querer
pertencer
a uma classe pertencer ao mundo
pertencer
nada lá está apagado
continua
operário continuado.

JOSÉ VULTOS SEQUEIRA
HOMEM DA FÁBRICA, poemas.
Editorial Utopia / Amadora, 2004.